

# Quando a esquerda chama-se esperança

**ENTREVISTA** Roberto Speranza, jovem líder de um novo movimento progressista surgido na Itália, apresenta seu roteiro contra a desigualdade

A CLAUDIO BERNABUCCI, DE ROMA

**R**oberto Speranza, jovem líder do movimento político recém-lançado na esquerda italiana, chamado Articolo 1, recebeu *CartaCapital* para uma entrevista exclusiva em seu escritório na Câmara dos Deputados. Reservado e brilhante ao mesmo tempo, ele parece pertencer a uma raça de políticos em vias de extinção, enquanto baseia a própria liderança em qualidades hoje raras, como cultura, sabedoria e consenso. Em suma, nada a ver com os egocêntricos narcisos, muitas vezes autoritários e ignorantes, espalhados pelo mundo inteiro durante as últimas décadas. Casado, com dois filhos e originário de uma terra que deu muitos migrantes ao Brasil, a Basilicata, ele teve ascensão bem rápida no Partido Democrático (PD), até o episódio que marcou sua experiência política de maneira decisiva. Em abril 2015, demitiu-se da presidência da bancada do PD na Câmara, para não ser obrigado a votar a lei eleitoral que Matteo Renzi, então chefe de governo, estava impondo com uma votação de “confiança” (lei que foi em seguida declarada inconstitucional pela Corte Suprema). Raro exemplo de político que renunciava a uma cadeira importante por coerência com os seus ideais, Speranza foi

recentemente nomeado coordenador nacional da nova agremiação, fruto da cisão do Partido Democrático, que nasceu em fevereiro de 2017.

**CartaCapital:** O nome da nova formação política é Articolo 1, que se autodefine como movimento democrático e progressista. Poderia explicar a escolha desse nome original?

**Roberto Speranza:** Trata-se de uma escolha que se refere ao primeiro artigo da



O erro do “sucateiro” Renzi foi o de não ter levado ao ferro-velho as ideias erradas

Constituição italiana, aprovada depois do fim da Segunda Guerra Mundial e da queda do fascismo. Pedra angular, portanto, da nossa democracia republicana. O primeiro artigo da nossa Constituição dispõe: “A Itália é uma república democrática baseada no trabalho. A soberania pertence ao povo, que a exerce nas formas e nos limites da Constituição”. Esse artigo compreende, então, dois princípios fundamentais: a centralidade do trabalho e a soberania popular, que continuam constituindo um programa político na nossa época. O trabalho, que é fundamento de liberdade para garantir à pessoa humana uma vida digna na sociedade, sofre hoje gravíssimas restrições e precariedades. Basta pensar que quatro em cada dez jovens italianos estão desempregados. E a democracia, que por alguns aspectos progride, em muitos países do mundo está em profunda crise. Crescentes massas populares são de fato excluídas da soberania e, portanto, a democracia não pode ser considerada uma conquista definitiva. Trata-se de um processo, de uma batalha ainda não vencida de forma definitiva. Essas são contradições que não podem mais ser toleradas. Para contribuir com a sua resolução nasceu Articolo 1.

**CC:** Por que chamar a nova formação política de “movimento democrático e progressista” e não de partido?

**RS:** Estamos no começo de um percurso que visa aglutinar energias progressistas, hoje dispersas, que partilham nossos valores de igualdade, liberdade e a extensão dos direitos democráticos. Nosso projeto é reorganizar as forças de centro-esquerda. Nos últimos anos, infelizmente, o Partido Democrático traiu sua missão e, em vez de estar ao lado dos mais fracos, virou um partido amigo dos banqueiros e dos petroleiros. Em outras palavras, de quem venceu nessa globalização selvagem. Nós temos que reorganizar a casa daquele povo – que existe



na Itália como no resto do mundo – que acha que os progressistas têm de retomar o caminho certo.

**CC:** Qual é a reflexão que levou o senhor, juntamente com outros líderes históricos, como Pier Luigi Bersani e Massimo D'Alema, a considerar o PD como um âmbito impraticável para continuar uma ação política inspirada em valores progressistas?

**RS:** O Partido Democrático virou um partido pessoal, com uma dinâmica arbitrária, em que só uma pessoa manda. Um partido com tendência a ficar no centro do sistema político, recolhendo os votos de todos que se oferecem. O PD, em suma, virou um partido de poder,

moderado, e concentrado ao redor da figura de seu chefe carismático, que realizou uma metamorfose profunda na sua base social. O PD não tem mais os votos dos trabalhadores ou das periferias, mas representa e obtém o consenso dos bem-sucedidos, dos ricos.

**“O PD virou um partido pessoal, com uma dinâmica arbitrária em que só uma pessoa manda”**

**CC:** Matteo Renzi (recém-confirmado secretário do PD) suscitou expectativas, na Itália e no âmbito internacional, como líder de uma nova geração de esquerda capaz de conjugar valores, eficiência e carisma. Como explicar, de um ponto de vista pessoal e político, essa involução?

**RS:** Renzi, com certa virulência de caráter, tentou “sucatear” a velha-guarda do partido, mas o erro grave do “sucateiro” (como foi apelidado) foi de não levar ao ferro-velho as ideias erradas. Ele agiu em continuidade àquela linha blairiana de centro-esquerda que, em muitos países, adotou as políticas neoliberais da direita. A renovação que Renzi propagandeou foi



## Nosso Mundo

de fachada também na gestão do governo, concentrando muito poder em poucos quilômetros: seus principais colaboradores são todos da província de Florença.

**CC:** Uma certa subordinação às políticas neoliberais, que levou ao centrismo de Renzi, não nasceu nos últimos anos na Itália. Como o senhor avalia tal processo que se dilatou por décadas?

**RS:** Nosso erro fundamental foi uma leitura errada do processo de globalização, que, entre outras coisas, nos levou a subestimar a dramática explosão das desigualdades. Participamos daquela esquerda que sofreu a hegemonia cultural do pensamento neoliberal. Renzi, além do sucesso inicial de imagem, acentuou as tendências anteriores.

**CC:** No mundo de hoje, os problemas nacionais não podem ser interpretados e resolvidos fora do contexto global. Artigo 1, no seu manifesto de valores, afirma querer lutar ao lado “dos excluídos e derrotados pela globalização neoliberal e pela depredação dos recursos da Terra”. Qual é a identidade do novo movimento?

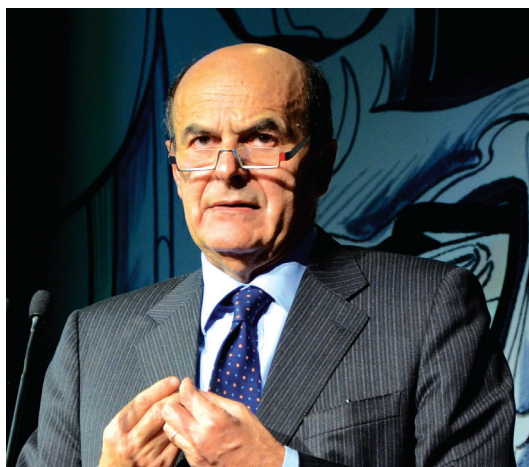
**RS:** Nosso símbolo tem duas cores fundamentais: o vermelho, cor das batalhas contra as desigualdades e da justiça social. No mundo de hoje, em que oito pessoas têm uma riqueza igual à metade da humanidade, essa é questão prioritária. Diante de tal desafio, é perturbador que a esquerda mundial hesite. O papa Francisco, ao contrário, é a extraordinária figura que com maior coragem denuncia tais injustiças. A outra cor é o verde, de inspiração ambientalista. Somos uma força progressista que acha necessária uma revolução ecossustentável da economia mundial. Isso posto, sou a favor de uma identidade forte e definida, mas que não seja um obstáculo ao diálogo com as outras culturas de progresso, além da esquerda socialista em sentido clássico.

**CC:** Na fase atual, muitos afirmam que esquerda e direita são duas velhas e superadas categorias da política. Qual é a sua opinião a respeito?

**RS:** Eu acho que direita e esquerda permanecem duas categorias fundamentais



Os veteranos do PCI, Massimo D'Alema e Pier Luigi Bersani, estão com Speranza



para interpretar a realidade. Em geral, os que afirmam que não existem mais diferenças entre elas são pessoas de direita. Para mim, simplesmente, ser de esquerda significa olhar para o mundo com os olhos dos mais fracos, para construir um mundo melhor para todos. A batalha contra as desigualdades representa a identidade da esquerda. O problema é que, nos últimos anos, a esquerda no mundo não enfrentou seriamente essa batalha e assim perdeu seu povo e sua credibilidade, deixando espaço para outras forças que mais

bem representaram os interesses dos excluídos. A tentativa que estamos fazendo com Artigo 1 é de inverter essa tendência e reconduzir a esquerda italiana às suas razões originárias.

**CC:** Existem margens para desenvolver um programa progressista na Europa, onde a política econômica dominante impôs, até agora, as receitas de austeridade aos Estados Nacionais?

**RS:** Em primeiro lugar, queremos que mudem as regras na Europa, porque não estão funcionando. A longa estação do rigor produziu estagnação econômica, piorou as contas públicas nacionais e acentuou as desigualdades. Existe a possibilidade de inverter as tendências do passado a partir das próximas semanas, mas, infelizmente, persiste o problema crucial que, enquanto as finanças e a economia são globais, a soberania continua sendo limitada às estreitas fronteiras nacionais. Acredito que, estrategicamente, a escolha para a Europa unida seja correta. Um modelo positivo, mas inacabado, visto que a soberania permanece prevalentemente nacional. Ao contrário, sou a favor de uma profunda reforma dos tratados europeus, para construir uma soberania autenticamente federalista.

**CC:** Chegou a hora de um novo internacionalismo?

**RS:** O objetivo de reconectar todas as forças que no mundo pertencem ao campo progressista e democrático é mais urgente que nunca, superando os limites das famílias políticas tradicionais. Essa renovada colaboração poderia representar uma resposta construtiva em contraste com a fragmentação da política em relação à economia e às finanças mundiais.

**CC:** Como o senhor analisa os recentes resultados eleitorais nos Estados Unidos e na França?

**RS:** Acredito que, nas recentes eleições realizadas em importantes países



Papa Francisco  
é a extraordinária  
figura que com maior  
coragem denuncia  
as injustiças



do mundo, se evidenciam tendências comuns, ou seja, que as forças de centro-esquerda não representam mais os anseios de proteção ou mudança das classes populares e das jovens gerações. Tanto no *Mid-West* estadunidense quanto nas periferias de Roma ou Turim, os excluídos dos benefícios da globalização votaram contra os partidos democráticos de ambos os países, uma vez que se sentiram mais próximos a candidatos demagógicos, como Donald Trump ou Beppe Grillo. Nossa resposta deve ser de voltar a fincar raízes no povo e entre os jovens. Em relação à França, onde o mecanismo eleitoral evitou a perspectiva neofascista e xenófoba de Marine Le Pen, estamos, consequentemente, satisfeitos com a vitória de Emmanuel Macron, mas ali também se evidenciaram os limites dos progressistas. Isso posto, Macron tem convicções neoliberais que não pensamos sejam resolutivas dos problemas da França e da Europa.

**CC:** Enquanto isso, o Brasil está vivendo uma crise aguda e prolongada...

**RS:** É verdade. Nós estamos muito preocupados com os acontecimentos recentes no Brasil e, em particular, com o agravamento dessas últimas horas. Lamentamos muito que o País sofra, além de uma crise político-econômica gravíssima, de uma aguda dilaceração social, que tem raízes antigas, mas que se focalizou em torno aos procedimentos judiciais que envolvem o ex-presidente Lula. Tudo isso é acompanhado com muita atenção pela comunidade internacional e o nosso auspício é que se

**“A comparação entre Mani Pulite, na Itália dos anos 90, e Lava Jato de hoje é absolutamente impossível**

garanta ao ex-presidente, como a qualquer outro cidadão brasileiro, um processo equo e rápido, em respeito ao direito internacional. Dessa forma, e com todo respeito pelos assuntos internos brasileiros, parece-me oportuno evidenciar que qualquer paralelismo entre a operação Mãos Limpas, na Itália dos anos 90, e a Operação Lava Jato, no Brasil de hoje, é absolutamente improporcionável. Temos ordenamentos processuais bastante distintos e as modalidades em que os dois inquéritos se realizaram divergem nitidamente. É importante que o Brasil supere este momento difícil através de uma solução política ao enfrentamento interno e, ao mesmo tempo, fortalecendo sua tradição democrática. A comunidade internacional tem uma grande simpatia pelo Brasil e desejo aqui expressar minha profunda tristeza e solidariedade pela situação que se instaurou. O auspício é de que o País volte logo a se manifestar internacionalmente com o prestígio de poucos anos atrás. •

RICHARD GARDNER/REX SHUTTERSTOCK / ZUMA PRESS /  
FOTOARENA E VINCENZO PINTO/AFPE / CITIZENSHIP/AFPE

